

Sinos dobram. Corpo chega a São João 311

São João del Rei — Os trens apitaram na Estação Ferroviária. Os sinos das 22 igrejas soaram ao mesmo tempo. Eram 9h53min. O carro de combate M-113, do Exército Brasileiro, apareceu no final da Avenida Rui Barbosa, a principal da cidade, trazendo o Presidente Tancredo Neves de volta a São João del Rei. Milhares de pessoas nas calçadas e nas sacadas dos velhos casarões acenaram lenços brancos, rezaram, jogaram flores e papéis picados sobre o caixão coberto com a bandeira do Brasil.

Ao lado do Governador Hélio Garcia, toda de preto, no banco traseiro do Landau do Governo de Minas Gerais, Dona Risoleta viu na avenida as faixas com pensamentos de Tancredo e ouviu aplausos e cânticos, choro e lamento do povo que invadiu a rua, misturou-se ao cortejo, correu atrás do carro de combate que levou o Presidente morto, primeiro ao Solar dos Neves, e depois à Igreja de São Francisco de Assis.

Perto da ponte da Cadeia Velha o M-113 parou. A rua ficou estreita de tanta gente. As motos que seguiam o cortejo, aceleradas, faziam um barulho ensurdecedor. Emocionadas, as pessoas gritavam "Tancredo. Tancredo". Sobre o carro de combate, dois soldados cariocas que inte-

gravam a guarda de honra do caixão tinham os rostos molhados de lágrimas.

Estranho silêncio

A Avenida Rui Barbosa amanheceu tomada por soldados da Polícia Militar, protegida por cordões de isolamento verdes e amarelos em toda a sua extensão. Através dela, os moradores e os visitantes se dirigiram à Praça Frei Orlando e se postaram nas proximidades da igreja de São Francisco de Assis, do cemitério e do Solar dos Neves onde, a pedido de D Risoleta, o caixão com o corpo do Presidente ficou cerca de uma hora, apenas com os parentes e amigos mais chegados.

Quase todas as pessoas seguravam bandeirinhas do Brasil e de Minas Gerais, faixas verdes e amarelas e tarjas pretas no peito. Das sacadas pendiam panos, posters de Tancredo. Uma delegação da Escola Tiradentes, tradição na cidade, levou para a rua 130 bandeiras históricas do Brasil. Nas camisetas, uma recordação da campanha eleitoral: "São João del Presidente Tancredo".

Eram 9h46min quando o Búfalo da Força Aérea Brasileira surgiu no horizonte, a baixa altura, escoltado por 10 aviões Tucano. A esquadrilha sobrevoou a cidade. Fez-se um estranho silêncio, só que-

brado por um sino dobrando ao longe. Depois que o Búfalo desceu, os Tucanos prestaram sua última homenagem a Tancredo, voando em formação de cruz.

O Presidente morto já estava em sua terra natal. E foi o apito dos trens que trouxe as primeiras lágrimas aos que se acostumaram a subir as escadas do Solar dos Neves, votar em Tancredo, escutar seus discursos, vê-lo almoçar aos domingos no tradicional Restaurante Rex, bem junto da ponte da Cadeia Velha.

O M-113 apareceu atrás de um grupo de jovens. A escolta era de jipes do Exército e batedores da PM. Depois vinham as motocicletas. "Rei, rei, rei. Tancredo é nosso rei" — gritavam os habitantes de São João.

Lentamente, o cortejo foi se aproximando do Solar dos Neves, onde o povo preparou a sua homenagem mais emocionada. Das calçadas, vinham os cânticos: "Ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil".

Quando o M-113 deixou a porta do Solar, levando o corpo de Tancredo Neves para a Igreja de São Francisco de Assis, tinha espetada em cima, colocada por mãos anônimas a bandeira de Minas Gerais, com o triângulo vermelho e a inscrição *Libertas quæ æra tamem* ("Liberdade, ainda que tardia").